

Santa Casa traduz a "maneira portuguesa de estar no mundo"

Os 450 anos da Santa Casa da Misericórdia de Macau são o espelho da "maneira portuguesa de estar no mundo". Para Marcelo Rebelo de Sousa, a obra da instituição é exemplo do espírito "único, singular e irrepetível" associado a Portugal enquanto "nação singular em todo o mundo"

CATARINA ALMEIDA

O carro que transportava Marcelo Rebelo de Sousa, e a respectiva comitiva, chegou ligeiramente antes da hora prevista. Com o Largo do Senado estranhamente vazio - devido às medidas de seguranças impostas que bloquearam a entrada durante a visita - o Presidente da República Portuguesa foi recebido entre abraços pelo Provedor da Santa Casa da Misericórdia. Marcelo cumprimentou os que ali o esperavam, incluindo turistas e locais com acenos à distância no caminho que foi percorrendo até ao ponto de arranque da agenda da primeira visita a Macau enquanto Chefe de Estado.

A primeira paragem deu-se em frente ao edifício classificado como Património Cultural e onde é possível sentir que se "fez e faz história há 450 anos". Mais de quatro séculos e meio "que traduzem muito a maneira portuguesa de estar no mundo". "Somos assim, partimos, atravessamos e chegamos. Chegamos e incluímo-nos. Chegamos e servimos. Chegamos e dialogamos. Chegamos e estreitamos laços fraternos", destacou o Chefe de Estado.

Marcelo recordou o passado, reconheceu o presente e perspectivou o futuro transmitindo "três mensagens fundamentais": significado da História, serviço da comunidade e visão de futuro.

O Presidente discursou numa das salas da Santa Casa onde a história se revela nas



FOTO CARMO CORREIA LUSA

fotografias penduradas dos que estiveram directa ou indirectamente envolvidos nas mudanças do campo social de Macau, através da Irmandade. Retratos que narram a evolução da instituição e da sua continuidade na história, sendo que "passam os regimes, os sistemas, as pessoas" e a "Santa Casa permanece".

"O espírito fundador permanece, porque a dedicação das mulheres e homens que a fazem como a fizeram no passado e farão no futuro permanece, e se renova geração após geração. Esta é a riqueza de uma nação de quase nove séculos: esteja onde estiver é igual a si mesma. As pessoas passam e o espírito fica", destacou.

E o que fica também é o serviço à comunidade. Um compromisso da Santa Casa de servir os mais "desprotegidos e carenciados", "as crianças", "menos jovens" e "portadores de deficiência". No fundo, um serviço a "todos que é um desafio nunca esgotado" e que a Santa Casa "tem sabido estar à altura". Aliás, os 450 anos que a instituição comemora este ano "são nada comparados com os anos que esta obra irá perfazer porque a sua missão é inesgotá-

vel". "Também aqui passam os Provedores, passam os irmãos mas a obra fica", acrescentou Marcelo, relembrando as condecorações que o Governo estendeu à Santa Casa e à Irmandade.

UMA PALAVRA DE GRATIDÃO

Nesta visita à Santa Casa, o Presidente português mostrou-se sobretudo grato e de coração cheio por testemunhar o trabalho de uma instituição com uma "história e destaque singular". "Enche o nosso coração de orgulho ver uma obra como esta, e quando se colocou a questão de saber qual a instituição de muitas outras que o Presidente deveria visitar como prioridade não houve uma hesitação: são todas excepcionais e todas merecerão a próxima visita do Presidente da República, mas havia uma que merecia em especial", admitiu, na primeira abordagem a um regresso - intenção que aprofundou noutros momentos da visita.

Se a história e o contributo social são de valorizar, o futuro também o é. Para Marcelo, a Santa Casa encara um desafio "ainda mais empolgante": o de "manter a fidelidade às raízes, a coerência com o espírito das

misericórdias mas saber viver num quadro da excelência das relações entre Portugal e a China". E, neste quadro, com os esforços e contributos da Santa Casa, saem prestigiados o território, a China e Portugal, salientou. "Sentimo-nos aqui na nossa casa, nesta casa, porque sentimos que o nosso espírito é o vosso espírito. Sentimos que aqui estão os melhores dos melhores de entre nós. E por isso vos agradeço muito emocionado, e daqui saindo ainda mais convicto do porquê de termos sido, sermos e continuarmos a ser no futuro uma nação singular em todo o mundo. O que fazemos - e esta obra é exemplo disso - é único, singular e irrepetível. E agora a vossa obra continua", rematou.

O Provedor fez as honras da casa, reiterando a "grande honra e satisfação" de receber o Chefe de Estado que, no contexto actual, "constitui um privilégio". António José de Freitas detalhou os trabalhos da Irmandade em prol dos mais necessitados e manifestou a certeza de que as bases em que Instituição assenta "são sólidas". "O seu futuro depende apenas da existência de homens e mulheres de boa vontade e com sentido de pertença que queiram dar continuidade aos valores humanitários nesta singular cidade multicultural, globalizada e de coexistência pacífica", destacou.

O Provedor recordou também que há 20 anos a Santa Casa "conheceu um novo ciclo da sua história mas em nada alterou o espírito e missão". Tanto que, garantiu, "tudo faremos para que fiel às suas raízes continue a dignificar o bom nome de Portugal e da comunidade portuguesa que aqui permanece".

Terminados os discursos, Marcelo Rebelo de Sousa deixou perpetuada a visita no livro de honra da instituição e descerrou uma placa alusiva ao momento. Na recta final, o Presidente teve ainda a oportunidade de visitar o Núcleo Museológico da Santa Casa onde viu e apreciou objectos de Arte Sacra ilustrativos do cruzamento cultural gerado pela difusão do cristianismo na região.

PROVEDOR E EX-PRESIDENTE DO IPM "HONRADOS" COM CONDECORAÇÕES

Foi com emoção e um grande sentimento de honra que o Provedor da Santa Casa e o antigo presidente do Instituto Politécnico de Macau receberam ontem as condecorações pelas mãos de Marcelo Rebelo de Sousa. A distinção de mérito foi concedida durante a recepção à comunidade na residência consular. Lei Heong Lok partilhou a "medalha" com a família, os amigos e o IPM que liderou desde 1999. "É uma grande honra não só para mim como para a minha família em particular para o IPM e os meus colegas que me têm apoiado ao longo dos anos. Sem eles, sem este apoio de amigos seria tudo em vão. Tudo vale a pena se a alma não é pequena", frisou. O sentimento de António José de Freitas não era diferente, e também carregado de emoção. "Estou emocionado e diria que é um reconhecimento colectivo porque sempre trabalhei em equipa em prol da colectividade". À margem da recepção, o Provedor admitiu também que esta condecoração dá "mais forças e alento para prosseguirmos a nossa missão histórica".

C.A. com S.F



FOTO TATIANA LAGES